DES

apa, reci men tos

experimentos em antotipia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitora Márcia Barbosa

INSTITUTO DE ARTES
Diretor Carlos Eduardo Fescher

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
Chefe Daniela Kern

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
Coordenadora Teresinha Barachini

DINTER ARTES VISUAIS UFRGS - UFAM
Coordenadores Teresinha Barachini (UFRGS) e João Gustavo Kienen (UFAM)

© dos autores
1ª edição 2025

Projeto gráfico e arte
Alice Porto

Ilustrações
Georgia Zampieri

Fotografia
dos autores

DESaparecimentos

experimentos em antotipia

Organização
Maristela Salvatori

APRESENTAÇÃO

Em tempos de incertezas e transformações, onde o mundo parece desvanecer diante de nossos olhos, surge uma obra que não apenas documenta, mas também dialoga poeticamente com os desaparecimentos que nos cercam. Este livro é um manifesto visual, uma celebração da efemeridade e uma resistência criativa frente às urgências climáticas, sociais e culturais que nos atravessam. A antotipia, técnica fotográfica alternativa que utiliza pigmentos vegetais sensíveis à luz, torna-se aqui metáfora e ferramenta para explorar o transitório, o fugaz e o impermanente.

Cada página é impregnada de cores, texturas e histórias que se revelam e se dissipam, como as próprias imagens criadas pelos artistas. É um convite para refletir sobre o tempo, a memória e a interconexão entre natureza e humanidade, enquanto nos desafia a enxergar beleza naquilo que inevitavelmente desaparece.

Com ensaios visuais que vão do simbólico ao político, do poético ao experimental, os artistas reunidos nesta obra transformam pigmentos naturais em narrativas que questionam, provocam e encantam. A técnica, que remonta ao século XIX, é ressignificada em um contexto contemporâneo, onde o erro, o acaso e a fragilidade tornam-se parte essencial do processo criativo.

"DESaparecimentos" é uma experiência sensorial e intelectual, um tributo à arte como resistência e à natureza como fonte inesgotável de inspiração. É um livro que não apenas se lê, mas se vivencia, como um sopro de luz que ilumina, ainda que por um instante, os caminhos incertos de um mundo em desaparição.

É um prazer estético esta jornada também acadêmica, que é das imagens que resistem ao tempo e nos convidam a contemplar o efêmero com olhos renovados. Aqui, a arte não apenas registra, mas transforma, e nos lembra que, mesmo diante do desaparecimento, há sempre espaço para a criação e que ainda há tempo para humanidade.

João Gustavo Kienen
Diretor da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas
(FAARTES/UFAM)

DESAPARECIMENTOS

Maristela Salvatori

Esta publicação decorre das atividades acadêmicas da disciplina Laboratório de Pesquisa em Processos Reprodutivos, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/IA/UFRGS), que ministrei em 2025 em duas edições, uma em Porto Alegre, dentro dos cursos de Mestrado e Doutorado em Artes Visuais, e outra em Manaus, no contexto do Programa DINTER (Doutorado Interinstitucional) com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e reúne artistas pesquisadores entre egressos, estudantes e professores de graduação e de pós-graduação, de ambas instituições.

Face ao momento que nos toca viver, onde somos confrontados a um cenário nunca tão evidente de emergências climáticas, vivenciamos uma pandemia e suas severas consequências, respiramos um ar de qualidade comprometida por poluição, devastação sistemática de áreas florestais que ainda sofrem constantes ameaças pelos frequentes incêndios em temporadas mais secas, somadas às numerosas queimadas criminosas. Além do impacto na região Amazônica, cinzas e fumaça disseminaram-se até a região sul do Brasil, deixando escuro o céu de grandes cidades, por muitos dias. Não bastassem tantas desventuras, o Rio Grande do Sul ainda foi abalado por enchentes sem precedentes,

que destruíram cidades inteiras, deixaram mortos e incontáveis desabrigados. Perdemos certezas e nos esforçamos para nos adaptar a um mundo em desaparição!

Desta forma, decidimos focar nesta publicação o conceito de desaparecimentos por meio da criação de ensaios visuais em antotipia, uma técnica que permite a obtenção de imagens com alguma semelhança, maior ou menor, à fotografia, embora fadadas à natural desaparição pelo próprio mecanismo que as forjou: a exposição à luz.

Cada artista participante realizou seu ensaio visual conforme sua pesquisa artística e dentro de suas condições, interesses e habilidades técnicas. Durante o desenvolvimento da disciplina em Porto Alegre, Myra Gonçalves proporcionou um workshop de cyanotipia – processo com algumas semelhanças à antotipia onde, diferentemente desta, são empregados produtos químicos que, aplicados sobre suportes pouco habituais para a fotografia tradicional, geram imagens pela exposição solar e resistem ao tempo. O funcionamento básico dos recursos, algumas receitas e estratégias de trabalho foram repassadas ao grupo com a generosa condução de Myra. Constituiu-se um grupo com Alice Porto, Myra Gonçalves, Anibal Turenko, Georgia Zampieri, Amanda Charão e Gisele Riker para a organização geral e viabilização da publicação. Várias reuniões online foram realizadas em pequeno e em grande grupo. Estabelecidas as principais diretrizes iniciamos a execução dos ensaios visuais, quando enfrentamos a ironia de muitos dias sem sol, mesmo na região norte do País, sendo este mais um desafio que exigiu adaptações em nossa tentativa de apreender – momentaneamente – estas impressões fugidias.

As fotos dos processos emanam o prazer envolvido nestes procedimentos mesmo com todas dificuldades enfrentadas, sendo as misturas de cores, cheiros e texturas manipuladas, por vezes, quase ou mais sedutoras que os próprios resultados finais. Muitos participantes optaram pela utilização de fotolitos (transparências em acetato) com imagens de origem fotográfica ou imagens construídas (desenhadas ou pintadas), caso de Alice Porto, Amanda Charão, Bruno Burmeister, Ericky Nakanome, Nubia Najar e Paulo Simonetti. Também foram utilizadas máscaras de recorte como nas imagens produzidas por Anibal Turenko. Outros empregaram como máscaras formas vegetais coletadas na natureza - numa aproximação às icônicas imagens de fotogramas como os cyanótipos produzidos por Anna Atkins, no século XIX, caso de Gisele Riker, Lucas Aquino, Myra Gonçalves, Priscila Pinto e Sebastião Alves. Eu explorei tanto recursos da transparências de origem fotográfica, quanto a ideia do fotograma com diferentes extratos vegetais.

Quanto à paleta de cores e variações tonais das antotipias, foram recorrentes os rosados e amarelados, pela melhor resposta à técnica com o emprego das tinturas obtidas com beterraba, hibisco, urucum, cúrcuma e chá preto. Vimos também o aproveitamento das tonalidades obtidas nos suportes, em um passo anterior à produção de imagens, mas não menos importante e que, para Myra Gonçalves foi, justamente, uma das estratégias adotadas, driblando contratempos e explorando outras possibilidades.

Além dos ensaios visuais, este volume conta com registros fotográficos dos processos empregados, depoimentos de Myra Gonçalves, Samanta Karlia, Ericky Nakanome, Gisele Rilker e Anibal Turenko, vinhetas de Georgia Zampieri, apresentação de João Gustavo Kienen e arte de Alice Porto.

Chegamos ao final deste trabalho com a satisfação de novos conhecimentos apreendidos por meio das experiências ao mesmo tempo potentes e delicadas que os elementos da natureza nos proporcionaram. Em seu complexo equilíbrio, dinâmico e em constantes mudanças, há uma inter-relação entre natureza e seres - ora de dependência ora de interferência - que nos apresenta uma frágil imponência nessa interconexão.

Sumário

4 Apresentação - João Gustavo Kienen
5 Desaparecimentos - Maristela Salvatori
11 *Ensaios Visuais*
12 Myra Gonçalves
18 Paulo Simonetti
24 Nubia Najar
30 Priscila Pinto
36 Alice Porto
42 Amanda Charão
48 Lucas Aquino
52 Ericky Nakanome
58 Sebastião Alves
64 Maristela Salvatori
70 Anibal Turenko
76 Andréa Brächer
82 Bru Burmeister
88 Samantha Karlia
94 Gisele Rilker
100 *Processos*
130 Arte em processos alternativos e experimentais - Myra Gonçalves
134 A mais-valia de hoje - Samantha Karlia
137 Coarar - Ericky Nakanome
138 Permanências - Gisele Rilker
139 Série Borsch: Work in progress - Aníbal Turenko

Ensaios Visuais

Myra Gonçalves
Artista visual. Foi professora na FEEVALE e na UCS. Doutoranda e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). Integra o Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo UFRGS-CNPq. Reside em Porto Alegre.

Jardim das Orquídeas

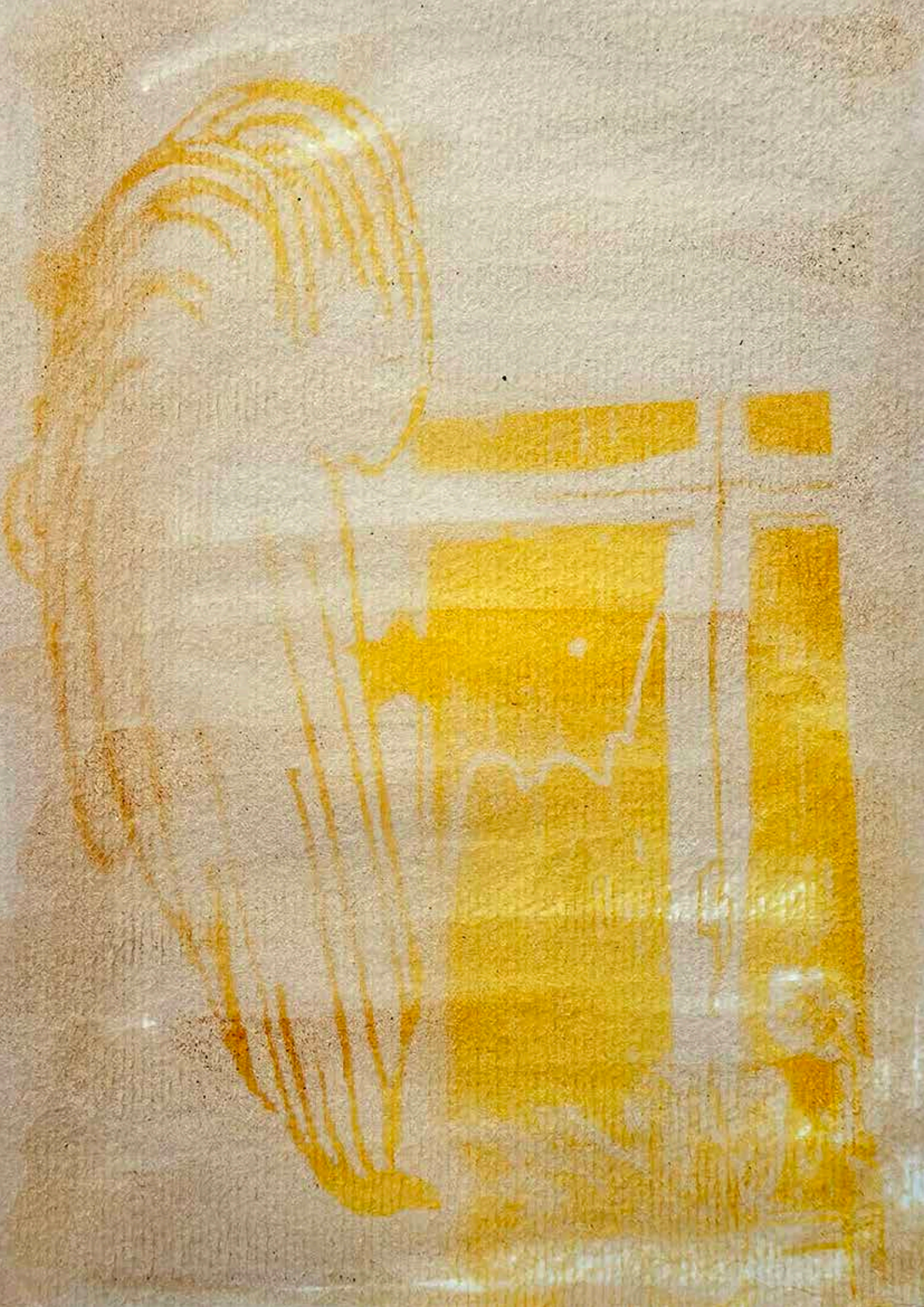
Paulo Simonetti
Artista visual. Mestre em Engenharia de Produção UFAM, Artes Visuais (PPGAV/IA/UFRGS), doutorando em artes visuais pelo DINTER UFRGS/UFAM. Professor titular da Faculdade de Artes UFAM, Coordenador da Galeria da UFAM. Desenvolve trabalhos utilizando diversos suportes e materiais, abordando temas relacionados ao ambiente urbano e natural.

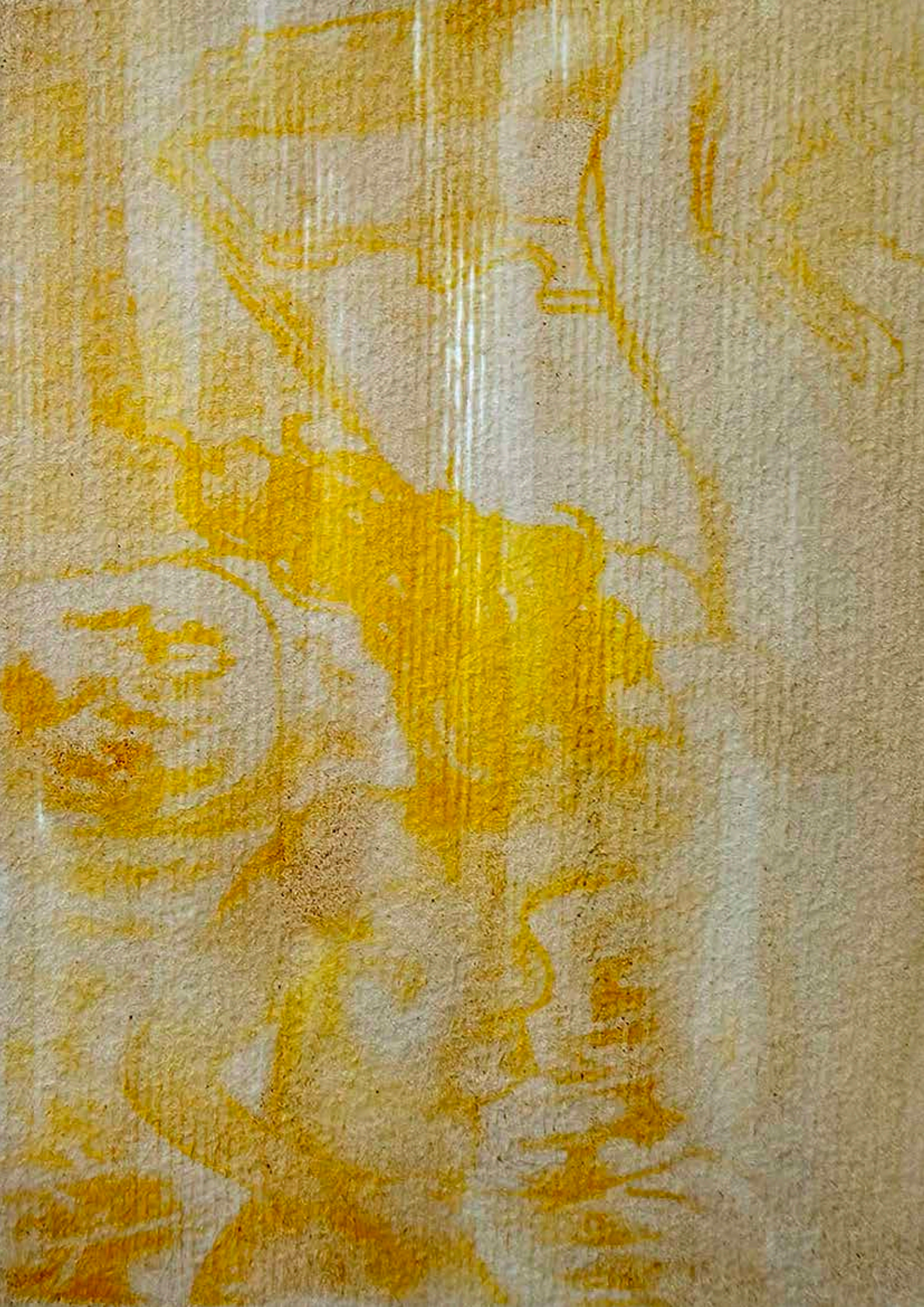
Nubia Najar
Doutoranda em Artes Visuais pelo DINTER UFRGS – UFAM. Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM, Atua como Arte Educadora, artista e docente de artes na UFAM. É profundamente influenciada pela temática da memória e utiliza a fotografia com o intuito de evocar sensações e despertar lembranças adormecidas.
nubianajar@ufam.edu.br

Rastros da Serpente

Priscila Pinto
Artista visual, poeta e professora de artes na UFAM, com Licenciatura em Artes Visuais e mestrado em Processos Socioculturais (PPGSCA - UFAM). Atualmente é doutoranda em Poéticas Visuais pelo DINTER UFRGS – UFAM. Em sua arte, aborda as relações com a natureza, o visível e o invisível, as camadas de percepção e a memória.

Alice Porto
Artista visual. Doutora pelo PPGAV/UFRGS com estágio sanduíche na Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica). Coordena o projeto de pesquisa Superfícies Permeáveis no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CA - UFPel). Integra o Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo UFRGS-CNPq.





O que resta (coberta, osso, aquecedor, tope)

Amanda Charão
Artista Visual. Mestranda em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS e bacharel em Artes Visuais IA/UFRGS. Integrante do grupo de extensão Núcleo de Arte Impressa: Produção e Reflexão da Gravura Contemporânea (IA/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo (UFRGS-CNPq). Bolsista de Mestrado CNPq. Pesquisa gravura e cruzamentos com outros meios.

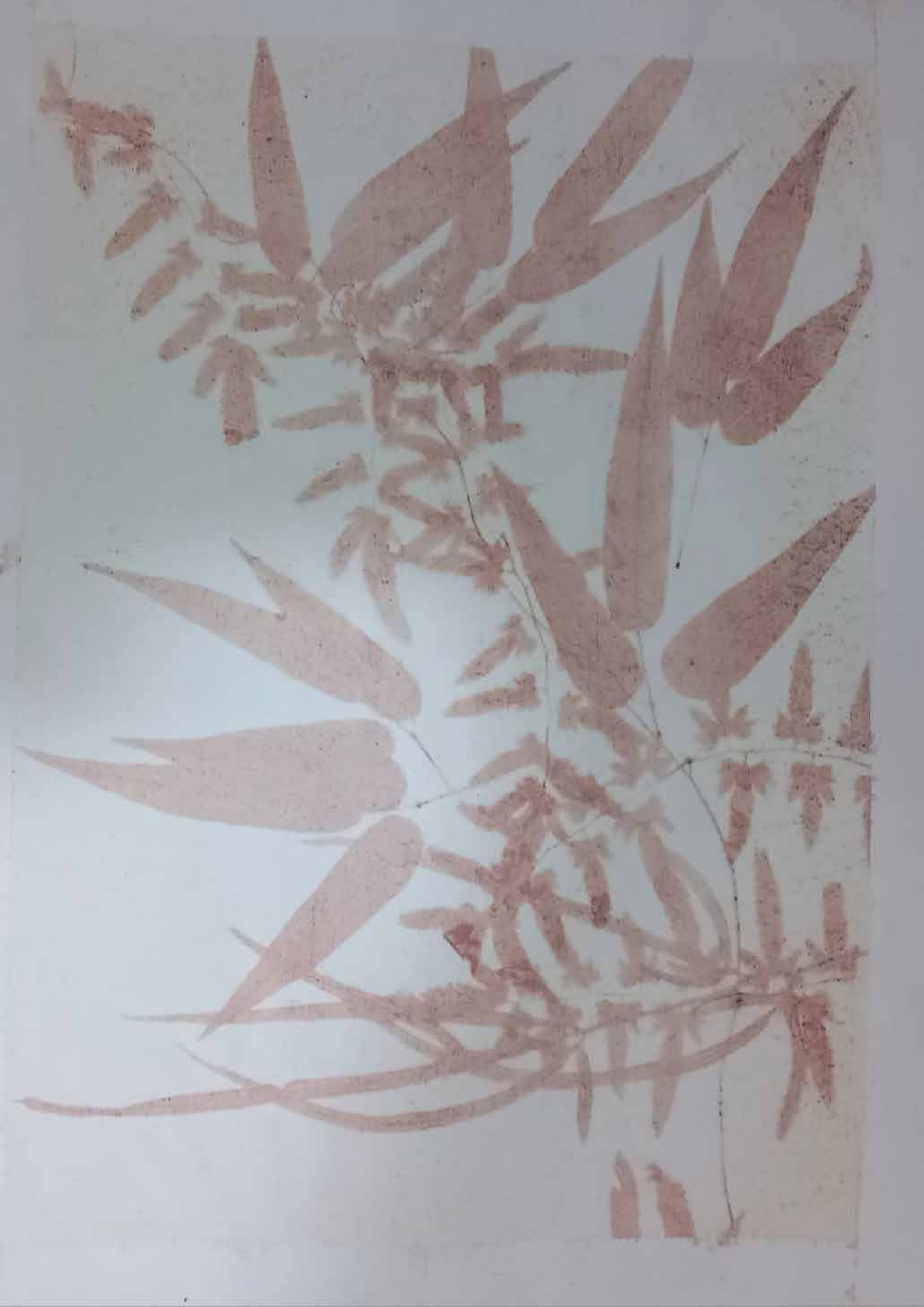
Nagau - táne

Lucas Aquino
Artista visual. Pesquisador amazônico, Professor da rede pública de Ensino do Estado do Amazonas. Doutorando pelo DINTER UFRGS – UFAM. Mestre em Letras em Estudos Linguísticos PPGL/UFAM.

Planta onça
Planta gavião
Planta peixe
Planta jiboia

Ericky Nakanome
Artista visual, amazônida de Parintins e professor na UFAM. Doutorando pelo DINTER UFRGS – UFAM. Pesquisador das artes e da cultura popular amazônica. Nas visualidades mergulha em sua ancestralidade mestiça entre indígenas e japoneses conectando camadas de memórias, espiritualidade e saberes em comunidade. Dedica-se aos estudos sobre o boi bumbá.

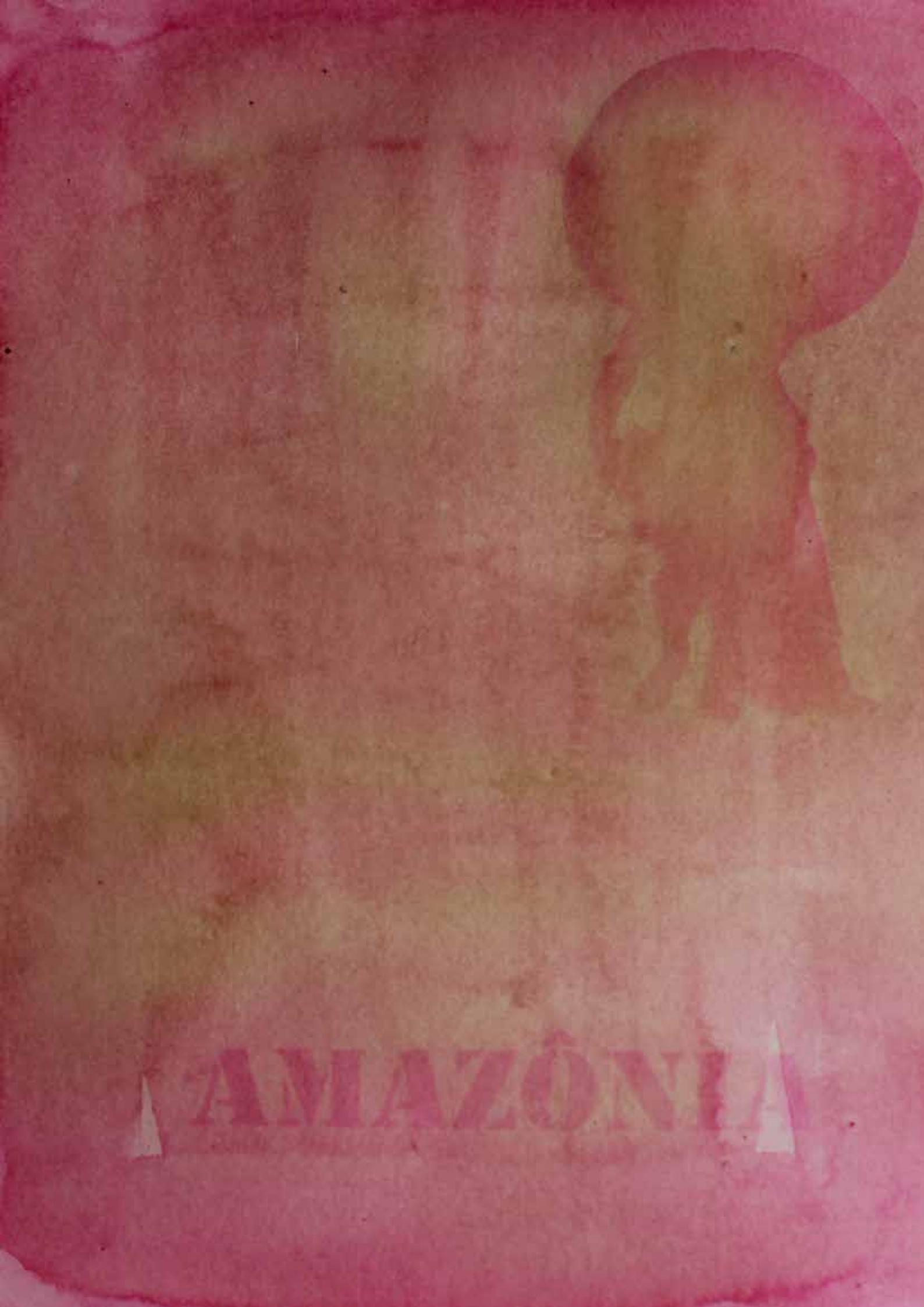
Sebastião Alves
Artista visual. Mestre em Processos Socioculturais pelo PPG Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM; doutorando em Poéticas Visuais pelo DINTER UFRGS – UFAM. Seu processo criativo apresenta referências amazônicas, aos povos tradicionais, memória e ancestralidade e busca compreender as relações existentes com a natureza. Reside em Manaus.

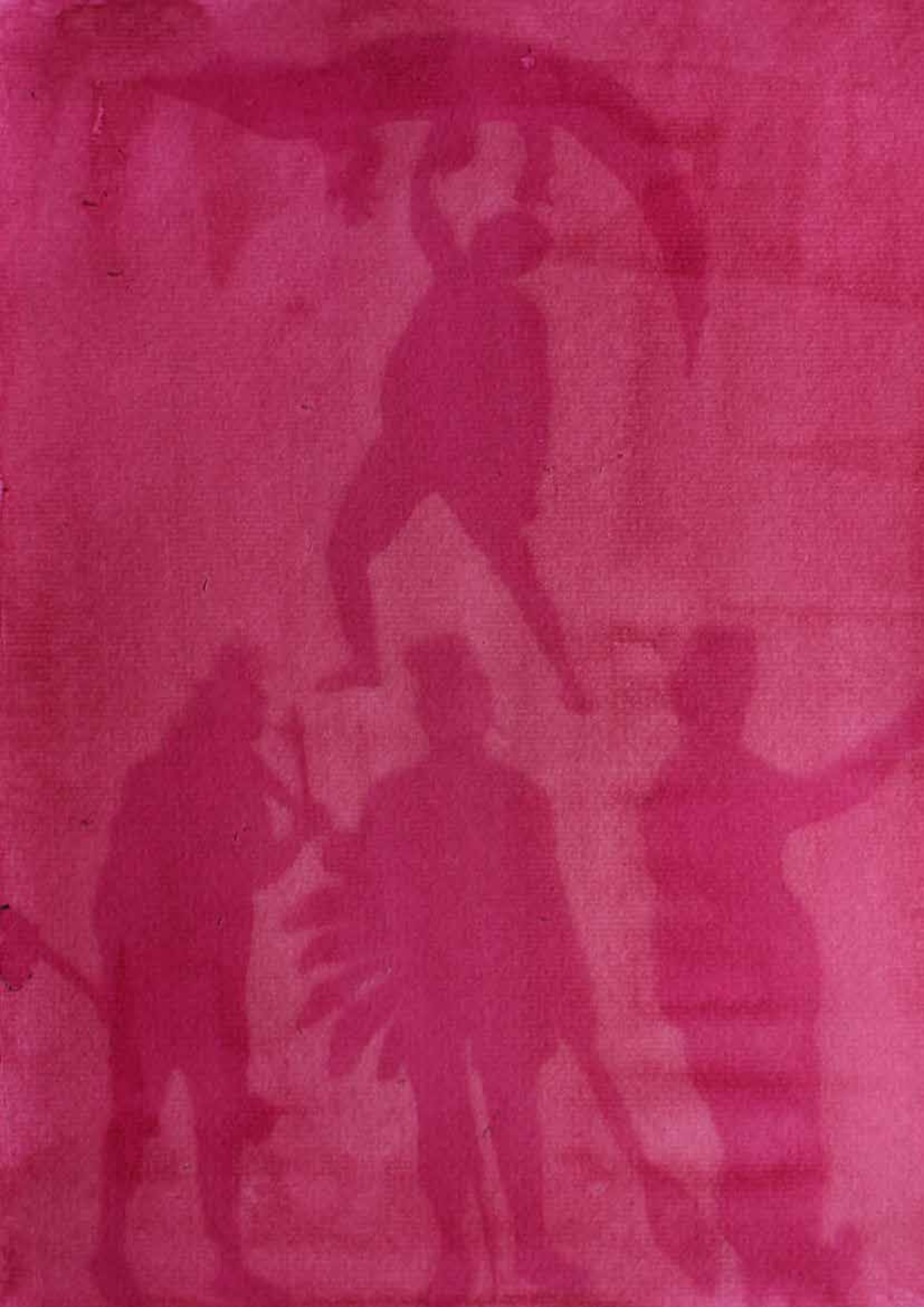


Maristela Salvatori
Artista visual. Professora Titular do Instituto de Artes da UFRGS. Doutora por Paris I. Líder do Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo UFRGS-CNPq. Realiza pesquisas e experimentações poéticas em gravura e em cruzamento com outros meios. Bolsista PQ CNPq. Reside em Porto Alegre.

Carrego meu mundo nas costas

Anibal Turenko
Artista visual. Educador, Economista e Militante da Cultura. Doutorando pelo DINTER UFRGS – UFAM. Integra o Grupo de pesquisa Paisagem Cultural: entre inovação e preservação. Vermelho até os ossos. Reside em Manaus.


AMAZÔNIA

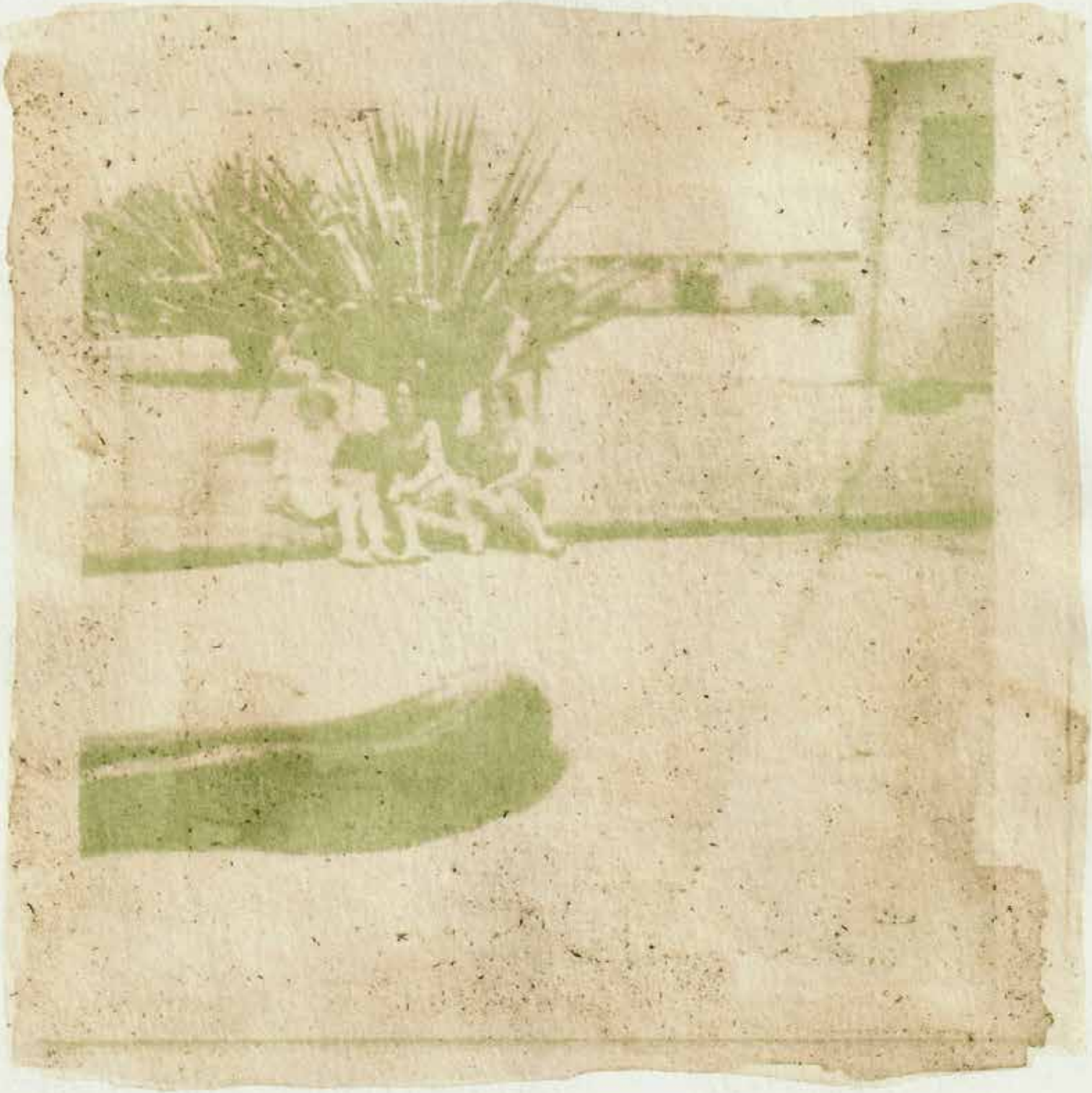


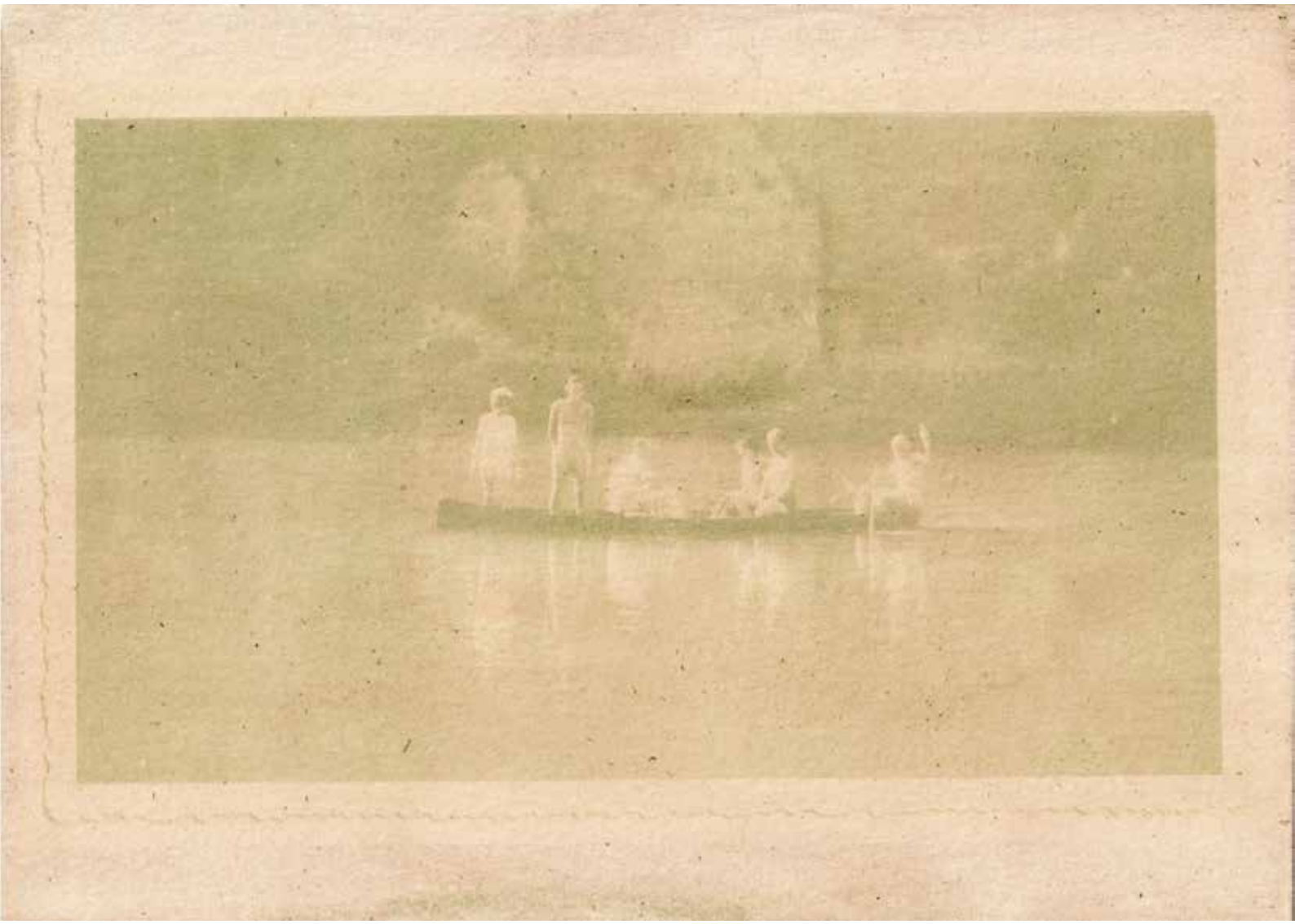
Abdução (2011)

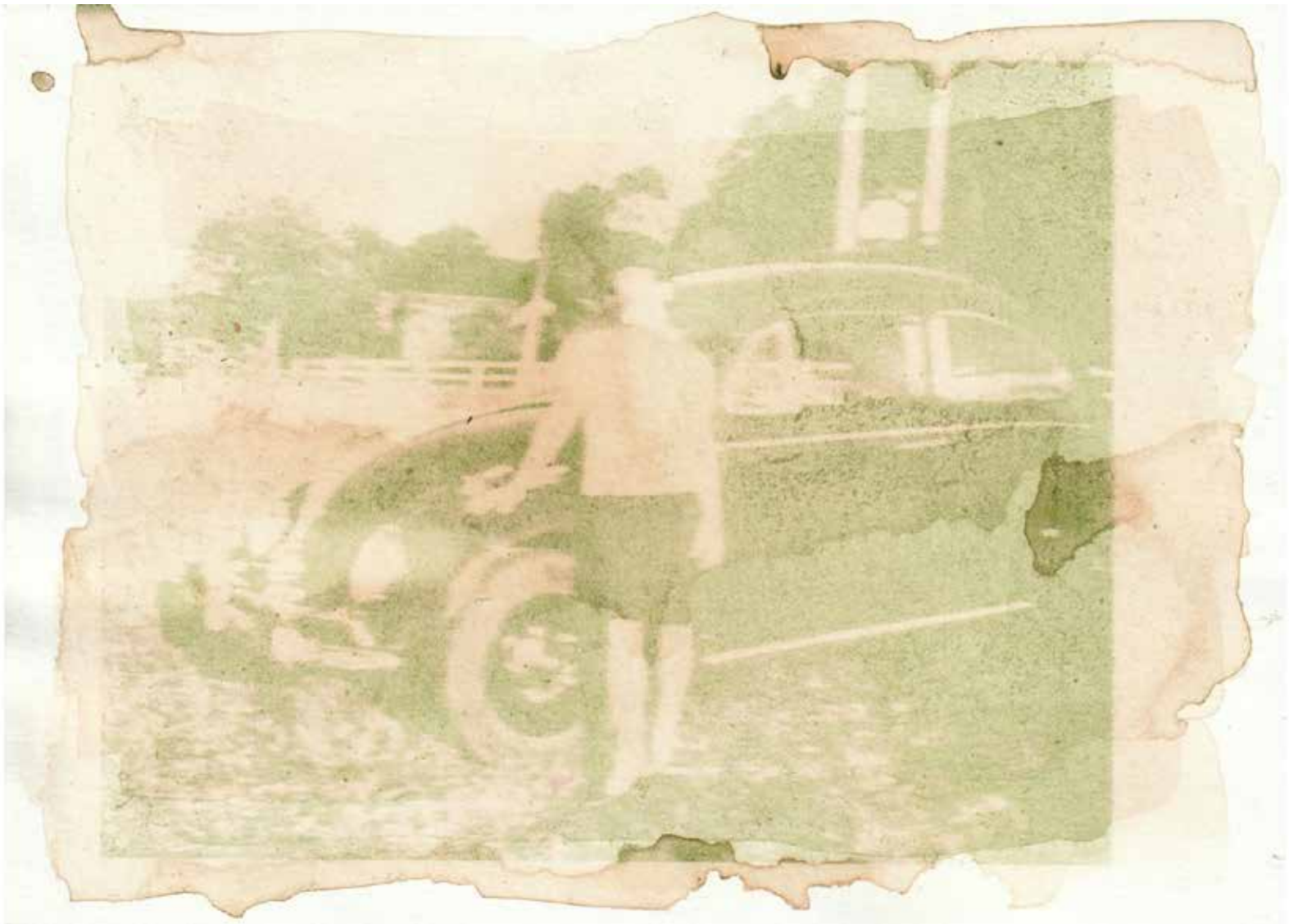
Andréa Brächer
Artista visual. Professora Associada do Instituto de Artes da UFRGS. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). Pesquisa Processos Fotográficos Históricos da Fotografia e a relação com a memória, fabulação e ficções. Integra o Grupo de Extensão Lumen. Reside em Porto Alegre.

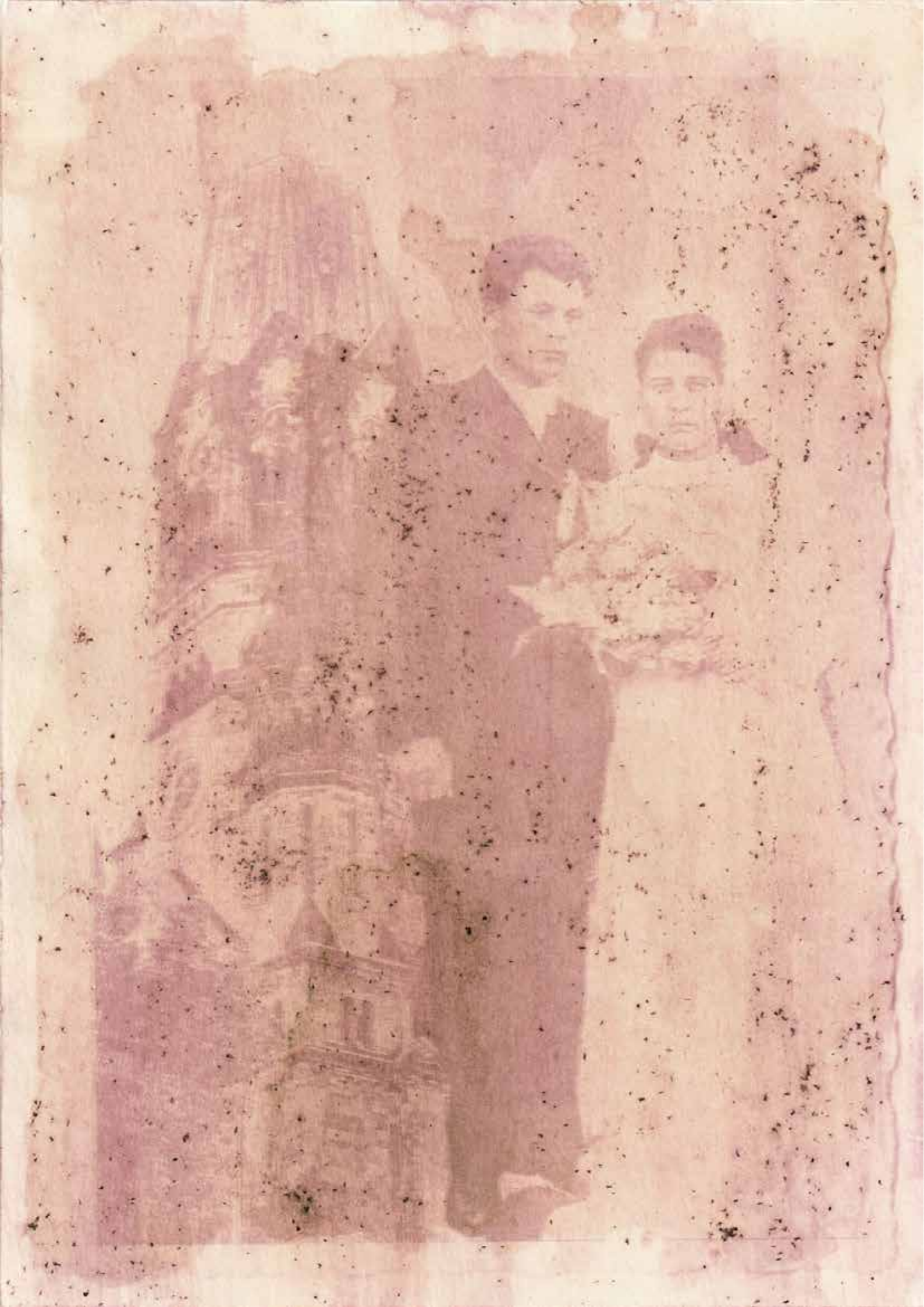
Olha Alí
O Rio Leva
Quem é Você
Até que a morte os separe
Nie wieder derselbe Montag

Bru Burmeister
Artista Visual. Graduando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Residente e natural de Porto Alegre, RS. Pesquisa a ficção e questões identitárias, explorando diferentes mídias.



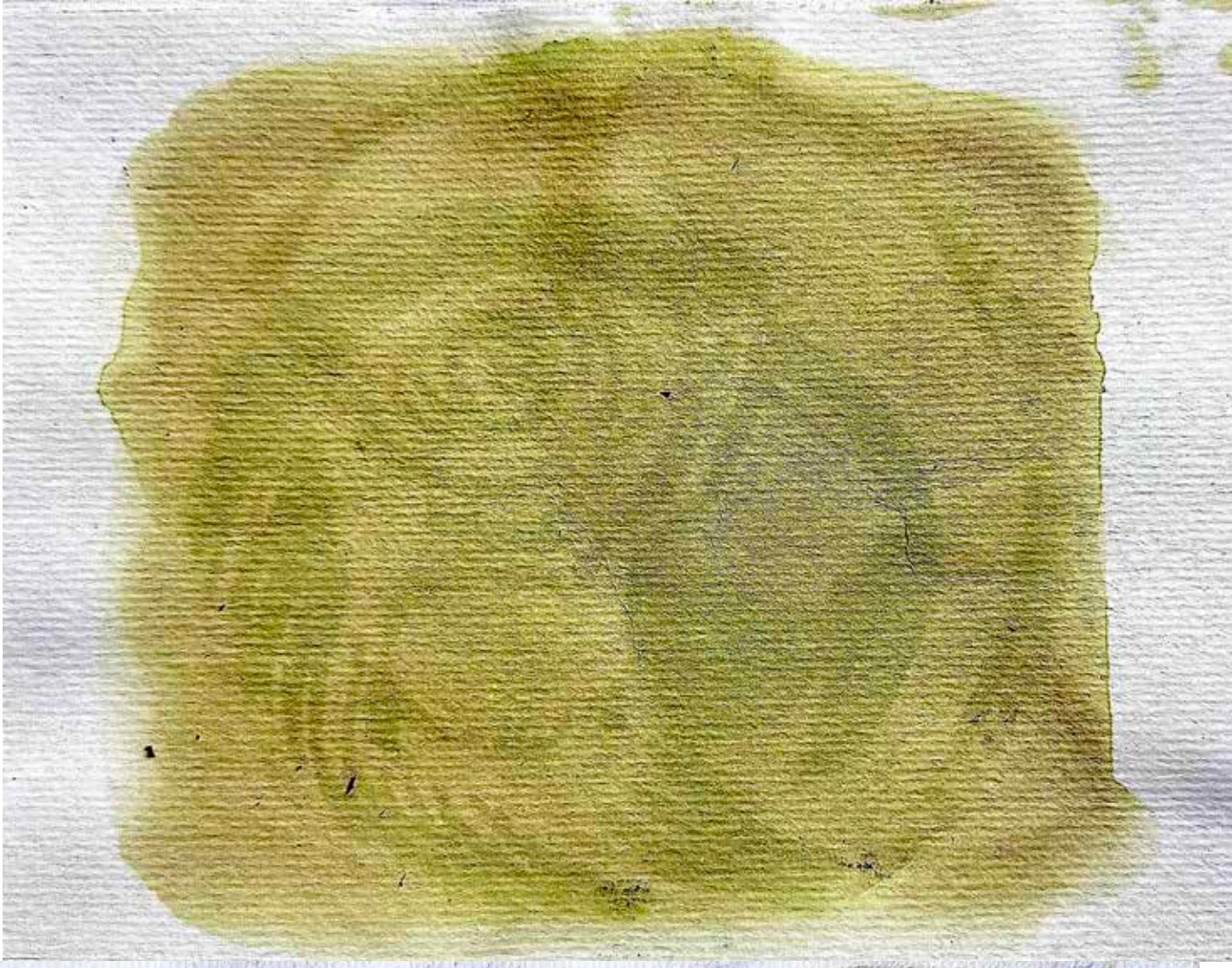




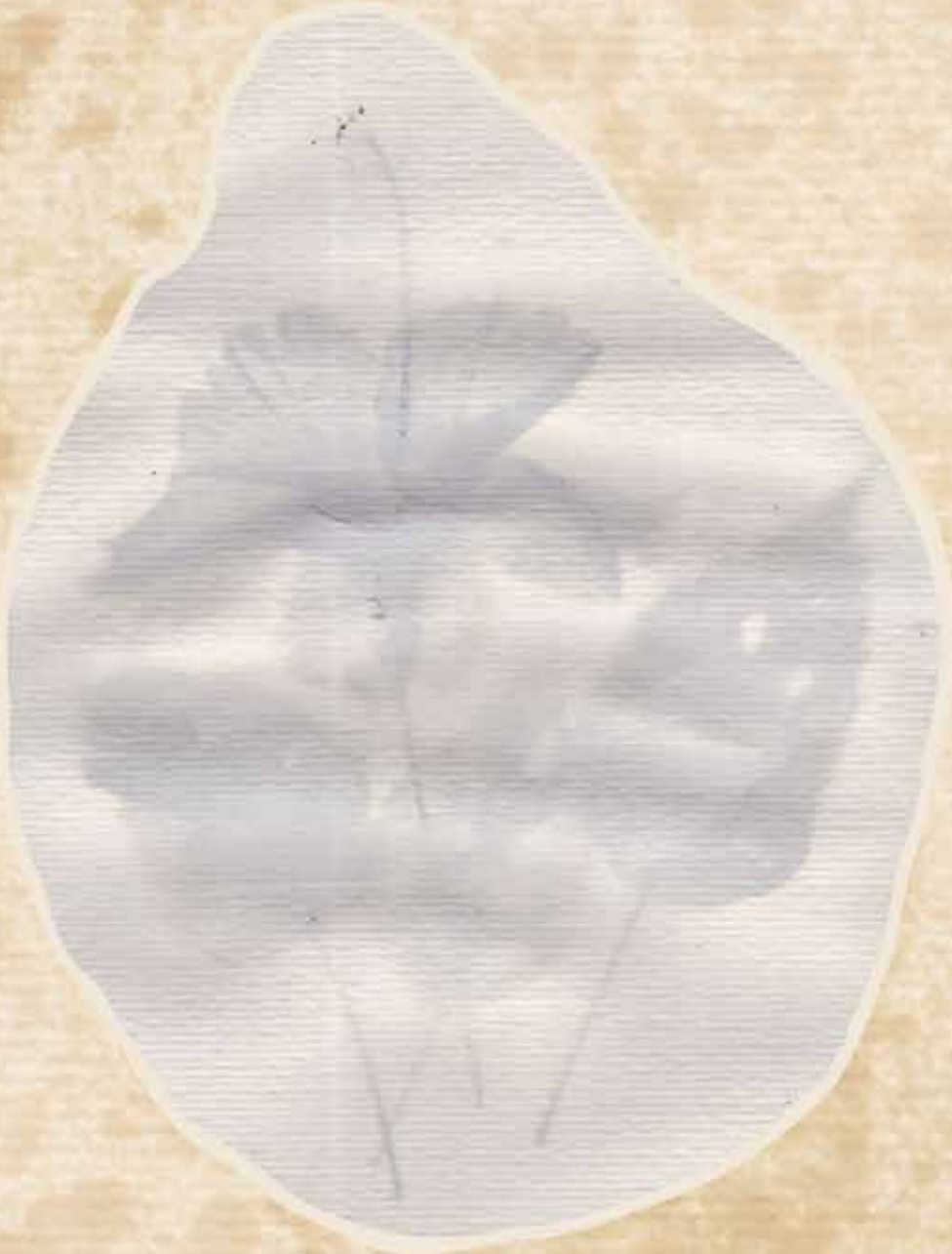


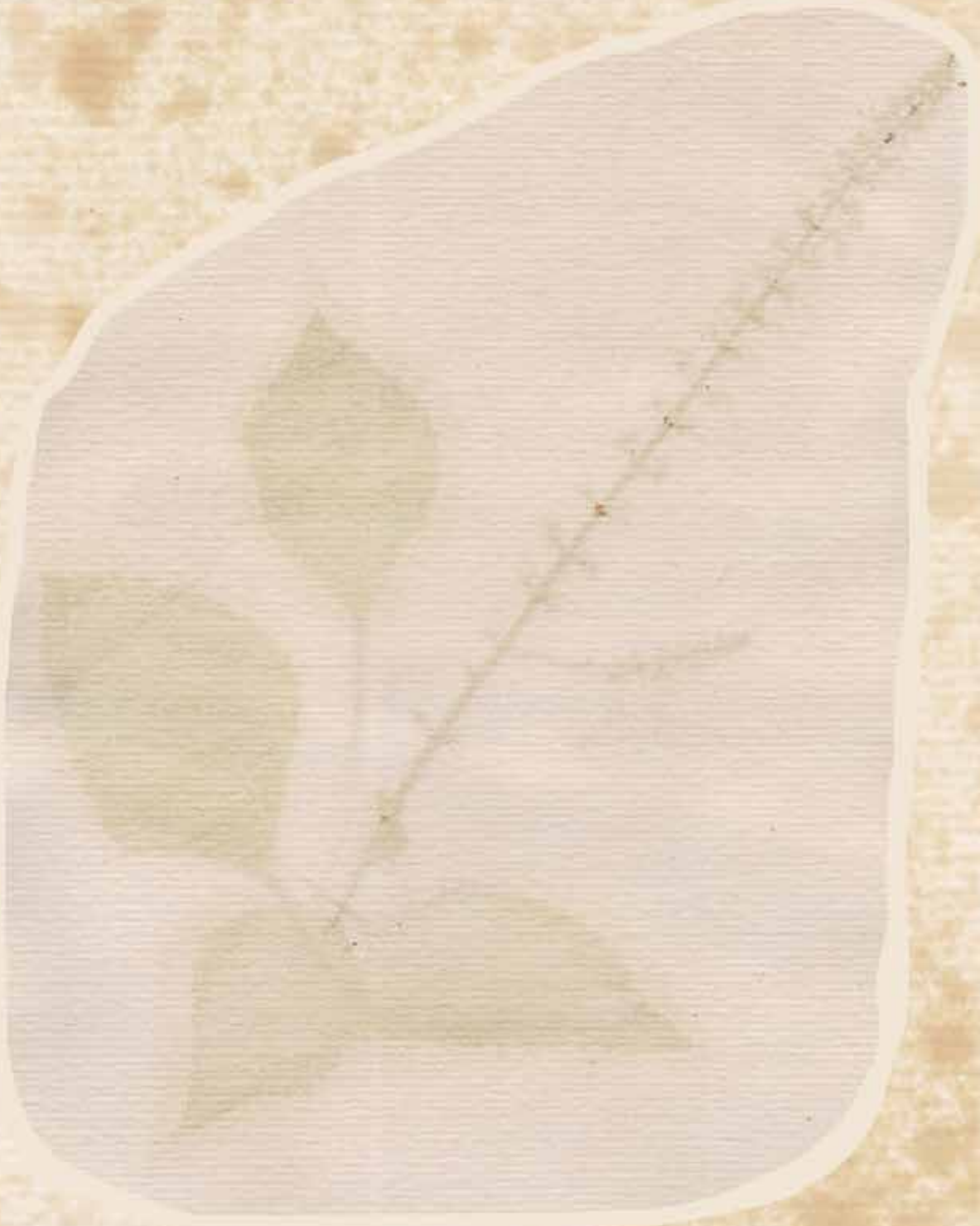
A mais-valia de hoje

Samantha Karlia
Artista visual. Professora substituta na área de Desenho e Linguagens Visuais na Faculdade de Artes da UFAM. Mestra em História, teoria e Crítica da Arte pela UFAM; doutoranda em História Teoria e Crítica pelo DINTER UFRGS – UFAM. Atuou como restauradora de obras de arte da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. Reside em Manaus.

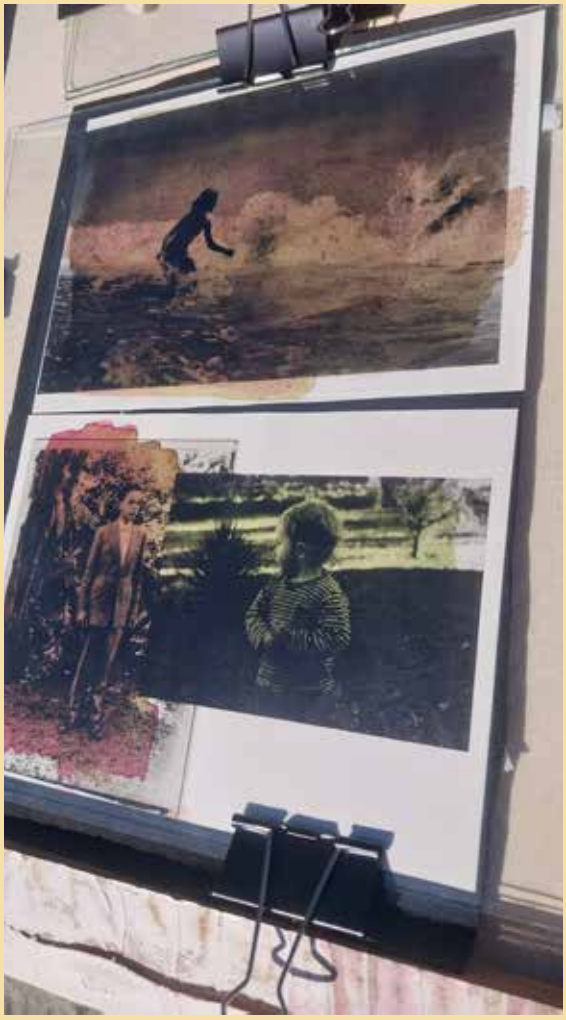


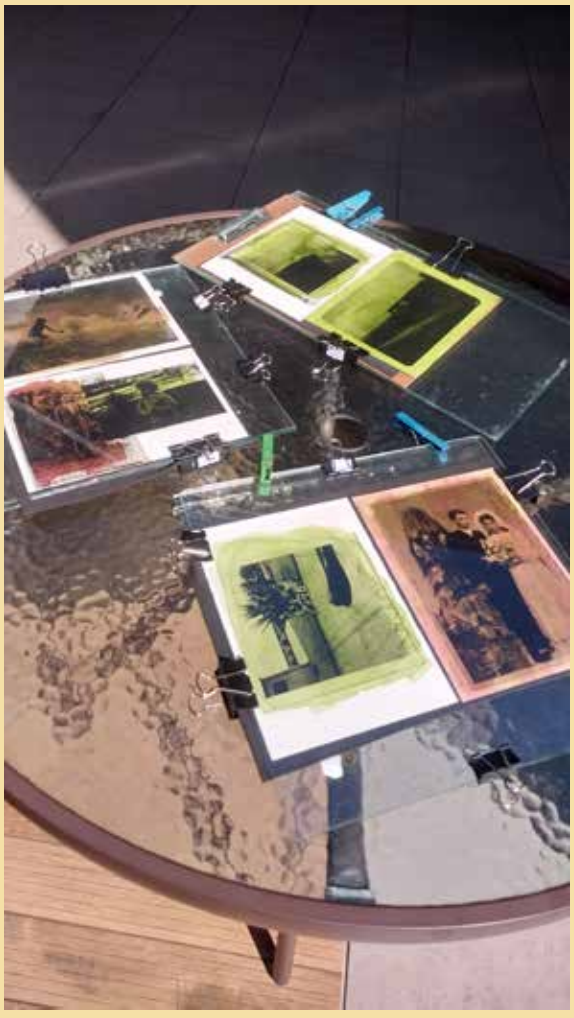
Gisele Rilker
Artista multimídia. Docente na Secretaria de Educação e Desporto Escolar do Amazonas. Doutoranda em Artes Visuais pelo DINTER UFRGS – UFAM e mestre em Artes Visuais pelo programa UFAM – UFRGS. Pesquisa relações entre Reino Vegetal e vida na Terra. Artista Residente no Instituto Yvy Maraey, convidada pela Cátedra Arte e Natureza ICESCO/ UFRGS.



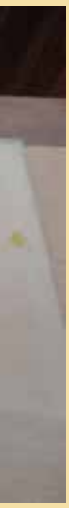


Processos





santa
cruz



II Seminário de Ensino de
Arquitetura – dias 11 12 13/9

DAFA-UFROS

DAFA-UFROS

Esportes
Geral
Sociedade
Mirante
Novo pedido à concessionária
por tachões e semáforos na 122
Azeite para
celebrar
Gramado

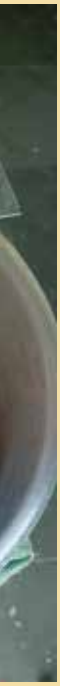
Álcool de
Cereais
Contém:
500ml

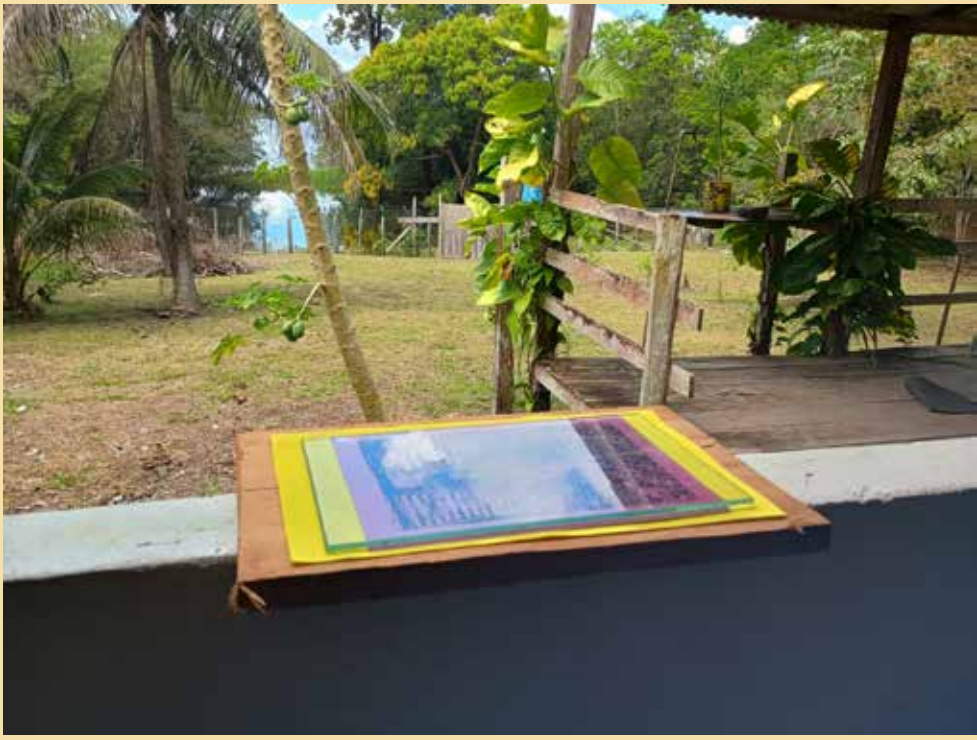
URUCUM SEMENTE
100g
INFORMAÇÃO NUTRICIONAL

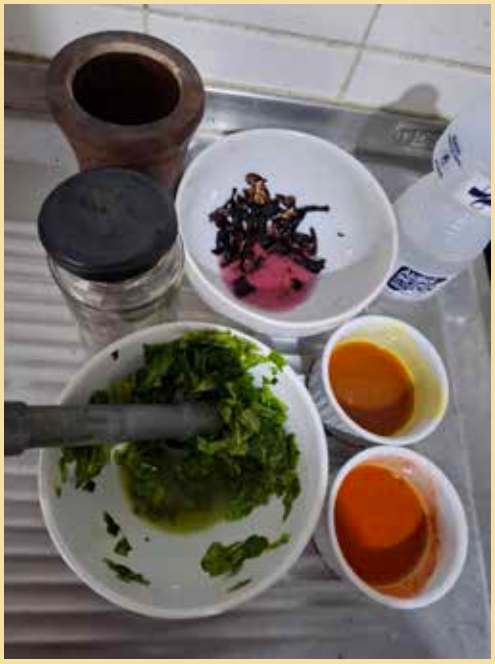
Páprica Picante
Páprica Doce
MERCATTO
PÁPRICA DOCE
Açafrão da Terra
MERCATTO
PÁPRICA DEFUMADA

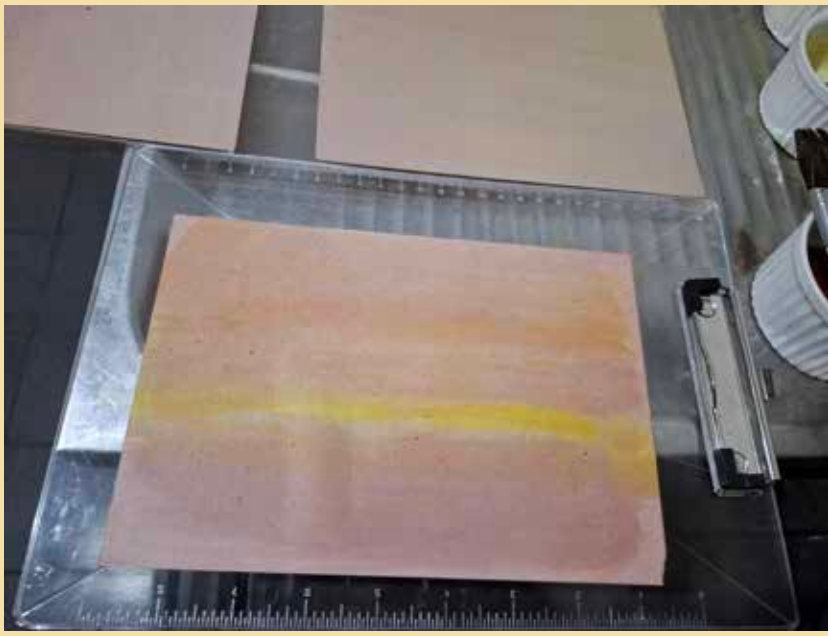
UNHA DE GATO
URUCUM DESIDRATADO
CURCUMA

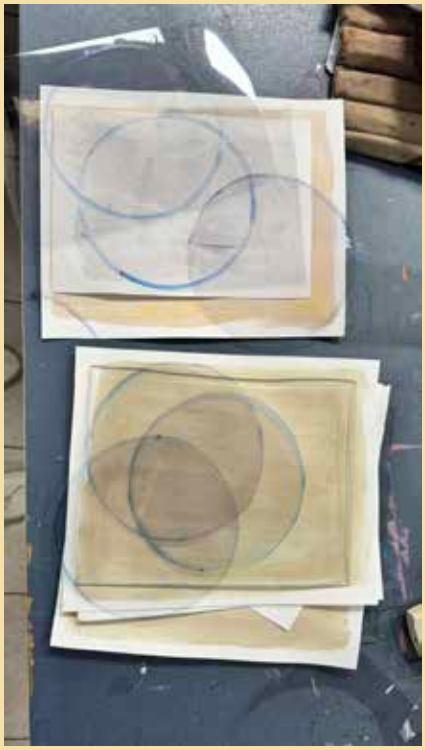
CAMOMILA











ARTE EM PROCESSOS ALTERNATIVOS E EXPERIMENTAIS

Myra Gonçalves

A Antotipia

A antotipia é uma imagem obtida pelo uso de extratos retirados de elementos naturais e que são transformados em emulsões fotossensíveis que podem ser utilizadas sobre diferentes suportes como os papéis de desenho, por exemplo. Para a produção dos extratos empregam-se pétalas de flores, legumes, folhas ou frutas silvestres diluídas em água ou álcool. Segundo Bracher (2015), o processo foi descrito pela primeira vez em 1842 por Sir John Herschel e apresentado em 26 de junho de 1842, na Royal Society em Londres. Além de Herschel, também nos interessa a pesquisa feita por Mary Somerville, na primeira metade da década de 1840, na Inglaterra e Itália, respectivamente.

Esta técnica permitiu a obtenção de imagens fotográficas sem utilização de sais de prata, constituindo como substituto, diferentes pigmentos vegetais que reagem à luz - por este motivo, é considerado como um processo alternativo ao convencional, permitindo obter fotografias a partir de um positivo que se expõe aos raios UV (do sol ou lâmpadas UV) em contato com a emulsão de pigmentos vegetais.

Apesar da aparente facilidade que a antotipia nos sugere, como toda técnica alternativa fotográfica, requer experimentação, visto que os resultados finais dependem de muitos fatores: as características do pigmento, a qualidade da transparência em positivo, o emulsionamento na preparação do papel e, o mais importante, a exposição aos raios UV.

Em termos de produção fotográfica contemporânea, recortamos uma possibilidade dentre muitas, para tentar entender como a fotografia vem enfrentando as questões do imaginário nos últimos anos. Conforme Fernandes Jr.,

> constatamos que caminhar nesse campo minado de possibilidades é tentar visualizar as poéticas do processo para buscar compreender em parte, esta fantástica aventura contemporânea. A fotografia é

> hoje produto cultural de rara complexidade que contribuiu e continua contribuindo de forma categórica para a transmissão das mais variadas experiências perceptivas (FERNANDES JR, 2006, p. 11).

Uma referência para esta técnica é Malin Fabbri, artista que tem escrito vários livros, profusamente ilustrados e detalhados e que vem mostrando sua produção em diferentes meios de divulgação.

Imagens latentes reveladas ou Como resistir aos desaparecimentos?

As imagens apresentadas nessa publicação, utilizaram três estratégias aleatórias e acidentais. Busquei reaproveitar folhas de papel já emulsionadas e utilizadas anteriormente e que já apresentavam imagens desvanecidas.

Também separei um grupo de folhas de papel A4 que, anteriormente, continham imagens obtidas com diferentes extratos e que foram feitas em datas variadas, de 2016 a 2017.

Entre essas imagens desbotadas, escolhi uma delas, que estava quase invisível, feita com emulsão extraída de cúrcuma e que seria a imagem de uma folhagem. Preparei um extrato de hibisco e apliquei na folha de papel, do mesmo lado da aplicação anterior. Para a minha surpresa, o procedimento ocasionou um efeito inesperado revelando a imagem anterior. De forma semelhante à fotografia analógica, a imagem que estava latente apareceu e me possibilitou a produção de um novo trabalho.

Todas as folhas que puderam ser reaproveitadas foram incluídas nesta pilha de folhas de papel com extratos. Nenhuma mais se comportou como aquela citada anteriormente.

Tempo é acontecimento

No meu entendimento, tempo é duração, é acontecimento e o entendo de forma não linear, o que ajuda muito a lidar com o trabalho que estou propondo. As imagens se somaram ao longo de uma experiência que teve início em 2016 e foram reencontradas agora, em 2025. As emulsões extraídas de erva-mate

permaneceram constantemente escurecendo e se tornaram aquilo que vemos: um tom marrom escuro em contraste com a base branca do suporte utilizado, diferente da primeira cor, obtida em 2016, quando esta pesquisa foi iniciada. É importante dizer que a emulsão escolhida tem por característica escurecer com a luz, diferentemente de outras emulsões de antotipia, que desbotam com a luz.

Igualmente, entendo que o tempo é qualitativo e intenso, difícil de ser medido, pois, atualiza-se constantemente. Em suas reflexões Bergson (2006) afirma que, o que se atualiza é o passado, por meio dos acontecimentos, tornando-se o presente. E esse, agora, está em constante mudança.

Um tributo para Mary Sommervile

No momento final de produção de emulsionamento o trabalho apresenta 61 folhas de tamanho A4, com diferentes cores e tonalidades devido aos diversos elementos e processamentos utilizados nos extratos: Bisnagueira (flor); Alamanda, Viúva alegre (flor), Rosas vermelhas, Hibisco (flor, flores secas e chá), Erva-mate, Groselha negra, Mirtilo e framboesa (chá), Amora, Café, Chá Verde, Chá preto, Urucum, Açafrão da terra (Cúrcuma), Páprica doce, Páprica picante, Páprica defumada, Couve e Beterraba.

Com a mesa posta, convidamos a todos a participarem de uma experiência ímpar que foi vivida pelos participantes desse projeto. Sejam bem vindos!!

Referências

BERGSON, Henri. Memória e Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRÄCHER, Andréa. Experimentações com Phytotypes: resultados finais. GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FERNANDES Jr., Rubens. Processos de Criação na Fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. FACOM - nº 16, p. 10-19, 2006.

Como obter alguns extratos:

Erva-mate – Misturar diretamente em água quente e deixar em infusão por, aproximadamente, ½ hora.

Amora – Espremer a fruta com o auxílio de um pilão, retirar o suco com coador.

Hibisco – Deixar a flor seca do hibisco em infusão em água morna ou álcool por, aproximadamente, ½ hora.

Hibisco em chá – Deixar o saquinho de chá de hibisco em infusão em água morna ou álcool por, aproximadamente, ½ hora.

Café – Deixar o pó do café em infusão na água quente por, aproximadamente ½ hora.

Beterraba – (beterraba + água fria em liquidificador)

Cúrcuma – (cúrcuma em pó + álcool em infusão)

Urucum – (urucum em grão + álcool em infusão)

Flores silvestres – (saquinhos de chá em água morna)

Para a preparação das emulsões, todos os produtos podem ser misturados em álcool na proporção 2:1 (duas partes de produto por uma de álcool).

ANTOTIPIA: A Mais-Valia de hoje

Samantha Karlia

A segunda etapa da disciplina Laboratório de Pesquisa em Processos Reprodutivos, ministrada pela professora Maristela Salvatori, concentrou-se no estudo e experimentação da antotipia, técnica fotográfica alternativa que se fundamenta na sensibilidade à luz de emulsões orgânicas extraídas de pigmentos vegetais, como clorofilas, antocianinas e betalaínas. Trata-se de um processo histórico e não tóxico de impressão por contato, que se baseia na ação da luz solar sobre superfícies impregnadas com extratos naturais (emulsões extraídas de pigmentos naturais), resultando em imagens efêmeras e sensíveis à temporalidade.

Partindo do mesmo eixo conceitual desenvolvido na produção Entre Impressões e Processos, apresentada previamente na disciplina, A mais-valia de hoje dá continuidade à investigação poética em torno da ideia de valor simbólico e material das moedas. A proposta se sustenta na indagação crítica: o que constituiria a mais-valia na contemporaneidade? Por meio da antotipia, busquei tensionar os significados atribuídos ao capital e ao consumo, utilizando a forma da moeda como metáfora e suporte para reflexões visuais acerca das novas configurações da exploração sejam elas culturais, ecológicas, espirituais ou sociopolíticas.

A experiência prática envolvendo a produção dos pigmentos naturais, a preparação dos suportes e a elaboração das imagens em acetato (no caso, do meu processo criativo), fundamentais para o desenvolvimento da técnica da antotipia, foi realizada em parceria com a colega doutoranda Cisele Riker, servindo para ambos os processos criativos. Todo o percurso experimental foi devidamente realizado no campus da própria Universidade Federal do Amazonas e documentado em registros fotográficos.

Durante os ensaios iniciais de extração dos pigmentos, enfrentamos desafios na proporção dos solventes. O primeiro teste, em que utilizamos uma concentração excessiva de água em relação ao álcool, resultou em emulsões de baixa fixação e com pouca eficácia fotossensível. No entanto, na segunda tentativa,

com o ajuste das proporções e maior predominância de álcool na solução, obtivemos um resultado significativamente mais estável. O tempo de exposição à luz solar, cerca de uma semana sob a incidência direta do sol de Manaus, foi determinante para a revelação das imagens, mesmo diante do prazo exíguo para finalização da etapa.

A partir desse processo empírico, foi possível observar não apenas a eficácia técnica da antotipia, quando conduzida com rigor nos parâmetros físico- químicos, mas também refletir sobre os tempos da imagem e a potência poética do erro e do acaso como parte integrante da criação artística, especialmente no contexto das práticas alternativas de reprodução.

A série de antotipias que compõem o meu trabalho de A mais-valia de hoje estrutura-se em torno de uma crítica visual e simbólica aos diversos modos de exploração contemporânea, tensionando o conceito marxista de "mais-valia" para além das relações estritamente econômicas, revelando sua permanência e transformação no plano simbólico, político, ambiental e afetivo.

A primeira antotipia evoca a figura dos povos indígenas, em um gesto de resistência frente à contínua expropriação de seus territórios e à negação de seus direitos constitucionais, uma violência que tem se intensificado sob governos de viés conservador e autoritário no Brasil. Esta imagem denuncia o silenciamento histórico e institucional imposto aos saberes ancestrais e à cosmopolítica indígena, especialmente pelas gestões de direita que desconsideraram os direitos originários em nome de interesses econômicos e agrários.

A segunda, marcada pela presença simbólica do boto (entidade das águas) e da cobra (entidade da terra), continua a narrativa da perda territorial, agora figurando as dimensões naturais do território amazônico. Ambas as entidades são retratadas como guardiãs de ecossistemas ameaçados, representando o avanço da degradação ambiental e o tráfico de animais silvestres, uma prática violenta que se entrelaça à lógica capitalista da mais-valia aplicada à biodiversidade.

Na sequência, a terceira imagem, uma arara vermelha completa um ciclo simbólico ao incorporar o elemento ar. A ave, ícone da fauna da nossa amazônia, torna-se aqui um emblema

da liberdade ameaçada e da destruição dos biomas brasileiros, afetados pelo extrativismo predatório e pela omissão das políticas públicas de preservação.

A quarta antotipia desloca o eixo temático para o campo político, retratando sua instrumentalização como máquina de poder autorreferente, descolada de qualquer compromisso democrático. A imagem denuncia a política como instrumento de manutenção de privilégios, utilizada para o financiamento de guerras, políticas ambientais negligentes e aprofundamento das desigualdades sociais, transformando o bem comum em valor explorável.

A quinta imagem aborda a fé, não enquanto crença individual, mas como ferramenta institucionalizada para o controle de massas. Aqui, a crítica recai sobre o uso da religião como instrumento de manipulação ideológica, onde a espiritualidade é capturada por interesses políticos e financeiros, convertendo-se em capital simbólico nas mãos de lideranças que exploram a fé alheia como mais-valia moral e eleitoral.

Realizei ainda uma sexta antotipia que apresenta duas pequenas moedas (coins) que condensam as problemáticas da medicina e da justiça sob o regime neoliberal contemporâneo. A medicina é questionada por sua captura pelo mercado da estética, que impõe um padrão de beleza inatingível, convertendo corpos em mercadoria. Tal lógica leva muitos à medicalização compulsiva, a procedimentos arriscados e, em casos extremos, à morte ou à depressão. A justiça, por sua vez, aparece como um valor seletivo, acessível apenas àqueles que podem pagar, subordinada a interesses políticos e muitas vezes distante de princípios laicos e equânimes.

Essas seis antotipias não apenas tematizam criticamente os mecanismos contemporâneos de dominação, mas também, por serem imagens produzidas com matéria vegetal e tempo solar, constituem uma resposta poética e contra-hegemônica à lógica produtivista da arte e do capital.

COARAR

Ericky Nakanome

Quarar, coarar derivação de Curací/Curacy/Coaracy, mãe da luz, do calor e do dia, sol na mátria língua brasileira, verbo transitivo direto, ação natura/celestial de um astro que se torna personalidade vivente para descer a terra, refração da luz, desgaste pela claridão, força de todas as cores sobre os corpos da terra.

A palavra verbo que atravessa gerações pela boca das mulheres lavadeiras e artesãos de muitos saberes, nos chega em arte para gravar a partir da luz e sua ausência, imagens geradas a partir do antagonismo entre o permanecer e o esvair-se, o efusivo e o vertiginoso, o fixo e o desbotado. Ações e contra-ações e contrações que se dividem, se encontram e se misturam para revelar imagem.

Antotipia é aqui passagem do tempo, que a depender da força do sol, das vestes de nuvens que se despem ou recobrem definem o tempo para o nascimento da imagem, tempo ditado pela natureza, tempo instituído pelo tempo. Antotipia é luz dominada, tessitura de saberes que se intercruzam para desenhar com sombra nas ações hora minuciosas, hora abertas e livres para tatuar sobre a superfície uma visualidade onírica por natureza.

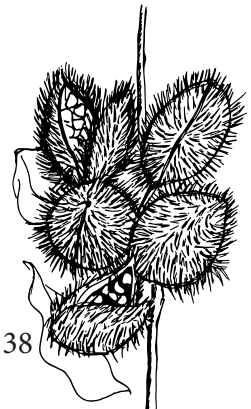
O antigo sol aqui é luz, vida, mas também ser vivente, entidade, mãe, pois contra tudo o que nos ensinaram ele é da mesma natureza que nós, e assim como ele, todos os corpos viventes da terra são guardadores de vida, Cy, mães, e cada planta nascida na mata, um lago, um bicho parindo, a árvore mais nova ou semente que acabou de brotar tem uma mãe. É nesse sentido que apresento os bichos-planta, planta-onça que nas memórias de minha vida ribeirinha impressionava ao contarem que em todas as casas onde ocorriam muitos furtos as mulheres mais antigas da casa curavam a planta, especificamente um tajá alimentado com água de peixe ou água de carne, regado e alimentado pela energia ancestral aquela planta que partir dali tornara-se um guardião daquele território, uma planta que “engerava-se” (metamorfoseava-se) em onça para enfrentar quem violasse o espaço. E assim todas as outras plantas que ganhavam a partir desta ação um bicho como também as jiboias.

É um todo onde cada parte dele depende das ações que se completam para sua totalidade, um conjunto de ações-verbo, ações-saberes que se revelam no ato de coarar imagens pela força solar de Coaracy.

PERMANÊNCIAS

Gisele Riker

Este trabalho trata das imagens gravadas com a luminosidade. A forma das plantas que habitam meu jardim resistem à exposição ao sol e revelam de maneira branda seus encantamentos. O pigmento azul foi-me dado pelas flores do hibisco que embora vermelhas se apresentam em tons celestes ao secar no papel. No verde extraído de folhas bicolores de uma planta ornamental chamada Cóleus, popularmente conhecida como coração magoado, gravo suas próprias formas. Os marrons salpicados derivam de pequenas folhas que foram coletadas em trilhas dentro da UFAM, destacavam-se no olhar, pois, eram avermelhadas e brilhosas, porém, resultaram em tons castanhos. Permanências naturais que agora estão escondidas dentro de livros para não dissiparem.



SÉRIE BORSCH: work in progress

Anibal Turenko

Antotipia para mim foi uma novidade. Xilo, linóleo, água-forte e ponta seca, além do estêncil do graffiti que para mim é como gravar, já havia experimentado. Foi uma alegria a descoberta de uma nova possibilidade. Nos trabalhos que realizei utilizo formas dos diversos Atlas que fazem parte dos meus arquivos e realizo um exercício com base nos conceitos de Nachleben, Pathosformel, Inversão Energética e Memória Cultural, entre outros conceitos utilizados por Aby Warburg, Didi Huberman e Carlo Ginzburg.

Essas coleções de imagens, assim como o nome da série, remetem à minha descendência, uma vez que todas as gravuras foram realizadas com tintura de beterraba, e possuem imagens que atravessam a minha existência de amazônida. Habitante de Manaus, filho e neto de imigrantes, mas profundamente enraizado em tudo que trata das Amazônias, de ser e habitar as Amazônias.

MARCAVISUAL EDITORA
www.marcavisual.com.br

Conselho Editorial

Adriane Borda Almeida da Silva
Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Zaragoza/Espanha

Airton Cattani – Presidente
Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil

Aline Sanches
Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos/Brasil e Universidade Denis Diderot Paris VII/França

Celso Carnos Scaletsky
Doutor em Ciências da Arquitetura pelo Instituto Nacional Politécnico de Lorraine/França

Denise Barcellos Pinheiro Machado
Doutora em Urbanismo pela Universidade de Paris XII/França

Maria de Lourdes Zuquim
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo/Brasil

D442 Desaparecimentos: experimentos em antotipia / organização Maristela Salvatori. – Porto Alegre: Marcavisual, 2025.
142 p. ; 21 x 29,7 cm

ISBN 978-65-89263-99-9

1. Artes. 2. Artes visuais. 3. Gravura. 4. Fotografia. 5. Antotipia. I. Salvatori, Maristela.

CDU 7.075

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

CAPES

CNPq

1991-2021
PPG
AV

Prof-Artes
UFAM

marcavisual

9 786589 263999